

O CORAÇÃO DE PAPEL

Gigi Graham Tchividjian

Nossas vozes elevaram-se diante da intensidade da discussão.

Estávamos trocando palavras que não queríamos. Expondo assuntos que não eram relevantes. Revivendo mágoas passadas, esquecidas mas nunca perdoadas.

Nenhum de nós tinha a intenção de transformar uma simples discussão em um debate acalorado.

Era tarde, e nós dois estávamos cansados. Muito cansados. Stephan e eu havíamos atravessado um longo dia de estresse, tensão e pequenas crises. Todos os dias, eu me via puxada para dez direções diferentes: filhos, roupas para lavar, compras no supermercado, prazos para cumprir, amigos pedindo conselhos, cartas necessitando de respostas e o telefone que não parava de tocar. Eu me sentia abatida e exausta além da conta.

Stephan também havia atravessado um dia difícil, lidando com homens e mulheres cujas vidas estavam desmoronando. Ao chegar em casa, depois de uma hora preso no trânsito, ele encontrou os filhos querendo sua atenção, uma lista de pacientes para quem precisava telefonar e uma pilha de contas para pagar. Passamos o início da noite esforçando-nos para não gritar, tentando controlar nossos nervos em frangalhos.

De repente, uma desavença insignificante acelerou o processo de descontrole.

Quando já estávamos aos gritos, a porta de nosso quarto foi entreaberta. Lentamente. Silenciosamente. Uma mãozinha esgueirou-se pela fresta e colocou alguma coisa na porta. Imediatamente, a mãozinha sumiu e a porta foi fechada. Curiosa, eu me levantei para investigar. Preso na porta com fita adesiva havia um pequeno coração de papel pintado de vermelho, com as seguintes dizes: “Eu amo a mamãe e o papai”.

Anthony, nosso filho de oito anos, estava fazendo sua parte em prol da paz na família.

De repente, lembrei-me do versículo: “Um pequenino os guiará” (Isaías 11.6). Lágrimas de vergonha molharam meu rosto. Stephan e eu olhamos um para o outro, ambos arrependidos por termos permitido que nossas emoções exacerbadas tomassem conta de nós e prejudicassem nosso lar.

Nem sequer me lembro sobre o que Stephan e eu estávamos discutindo quando o pequeno Anthony colocou um coração de papel na porta de nosso quarto.

Mas resolvemos deixá-lo colado ali como um lembrete para nós.

As pessoas mais queridas de nossa comunidade parecem ser aquelas que nunca se lembram de nada mau a nosso respeito.

ANÔNIMO